

# AUDIO CINEMA EM CASA

**Kii Three** um sistema high-end em apenas duas colunas

EDIÇÃO ESPECIAL - 106 PÁGINAS



**PRÉMIOS EISA 2019-2020**

**TRÊS TELEVISORES  
4K DE ALTO NÍVEL**



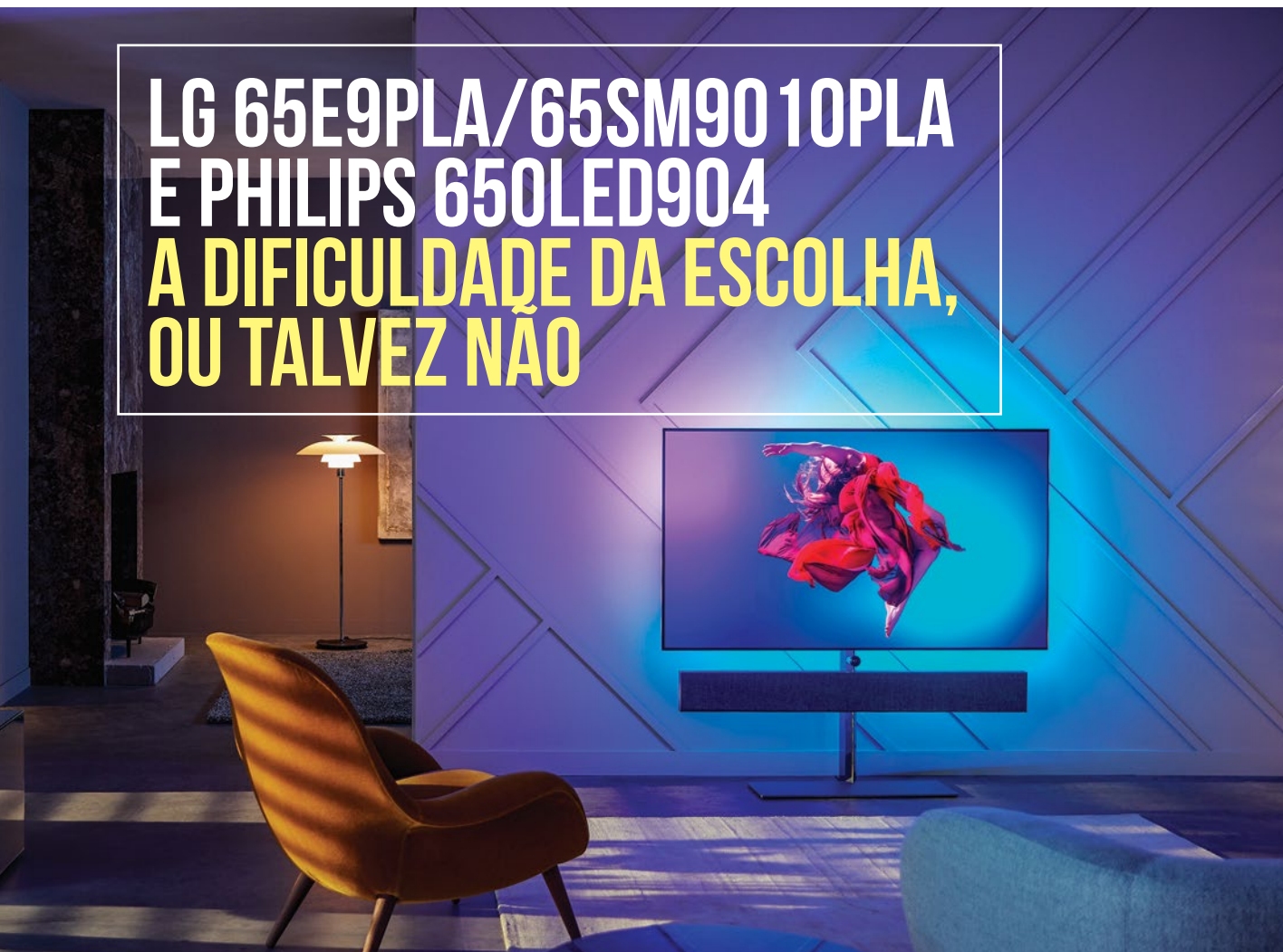
**Ainda nesta edição:**

SotM SMS 200-ULTRA NEO/SPS-500/SNH-10G  
LG 65E9PLA/65SM9010PLA • Mission QX2  
Parasound Halo HINT 6 • B&W 803 D3  
Marantz NA6006 • Krell K-300i  
Philips 65OLED984



N.º 278  
ANO 31 • BIMESTRAL • 4.00 €  
SETEMBRO/OUTUBRO 2019  
WWW.AUDIOPT.COM

# LG 65E9PLA/65SM90 10PLA E PHILIPS 65OLED904 A DIFICULDADE DA ESCOLHA, OU TALVEZ NÃO



Jorge Gonçalves

**N**ão há dúvida de que o 4K se instalou de armas e bagagens em casa de muitos portugueses, ajudado pela propaganda de praticamente todas as operadoras de TV por cabo, que alardeiam a disponibilidade de canais com a resolução de 3840 por 2160 pixel, algo que está longe da realidade. De facto, a resolução disponibilizada é «apenas» de 3840 por 2160i, ou seja, aquilo que poderemos designar por 4K entrelaçado, e que deriva do facto de nem sequer a resolução Full HD (1920 por 1080p) ser disponibilizada mas sim, uma vez mais, a versão entrelaçada da mesma – 1920 por 1080i. E não nos esqueçamos de que a famosa compressão entra sempre na equação. De qualquer modo, e embora em diversos casos se perceba facilmente que os originais disponibilizados são um *upscaling* de originais no melhor dos casos de resolução 2K, é possível obter imagens de muito boa qualidade, principalmente quando provêm de espectáculos desportivos ao vivo – a este propósito não deixa de ser uma pe-

na que a Sport TV tenha perdido os direitos de transmissão da Liga dos Campeões, porque os jogos de futebol transmitidos às terças ou quartas-feiras eram em muitos casos um regalo para a vista e muitos furos acima daquilo que a nova empresa detentora desses direitos apresenta e que não é mais do que Web TV e nem sequer da melhor qualidade.

Mas voltemos aos televisores 4K e à sua ubíqua presença nos nossos lares. Todos os anos os fabricantes nos trazem novidades e a primeira questão que se coloca a alguém como eu é: O que é que eu vou dizer de original este ano que não tenha já dito de outras vezes? Em que é que as televisões de 2019 diferem das de 2018? Começo por alertar para o facto de termos aqui dois topos-de-gama de tecnologia OLED, que se esforçam por incorporar em si tudo aquilo que de melhor a LG e a Philips sabem fazer em termos de som e imagem, e ainda um modelo LCD da LG, com uma recente tecnologia de painel que se mostra muito promissora. Mas não só: há aspectos não menos importantes a realçar no que se refere a *design* e

facilidades, que abrem desde já excelentes perspectivas em relação a até onde esta recensão nos pode levar. Começemos então pelos dois modelos OLED.

## LG 65E9PLA

A primeira impressão que se tem do novo OLED da LG logo assim que se olha para ele é que finalmente o tal conceito de «vidro flutuante», de que os homens do *marketing* andam a falar há para aí dois anos, funciona! De facto a superfície frontal do 65E9 é um vidro completo que assenta directamente sobre a mesa de suporte e lhe confere uma imagem visual altamente agradável e distinta. Como todos sabemos, o vidro é pesado e, com uma área de quase 1,2 metros quadrados, tem que se encontrar um conceito bem inteligente para o suporte, de modo a evitar que qualquer pequeno toque faça cair o televisor para a frente. A LG não fez concessões neste aspecto e inclui no suporte uma peça de «lastro» com cerca de 20 kg que pura e simplesmente cola o televisor à mesa, embora o penalize para transporte, como me confidenciaram os funcioná-



rios da transportadora que vieram entregar-mo. A base em causa tem uma função complementar que é a de permitir que os cabos sejam todos passados através dela, melhorando-se assim a organização de toda a cablagem.

Em termos de painel, houve apenas ligeiros detalhes de produção ajustados para otimizar o distanciamento entre píxeis e os níveis de negro, como resultado da experiência da LG nesta área, já que há seis anos que a domina completamente em termos de números de vendas de televisores e painéis para outros fabricantes. Em termos de ligações de entrada, para além da antena, temos quatro fichas HDMI no *standard* 2.1 (a capacidade para velocidades de dados de 48 Gb/s), três delas com orientação lateral e com a HDMI 2 a suportar eARC e ARC, três USB, vídeo composto, RJ45/Ethernet e um *jack* de 3,5 mm para controlo RS-232C. Destaca-se ainda uma saída de áudio óptica Tos-Link. Para além da ligação Ethernet (por

cabo) é possível aceder à Internet sem fios com compatibilidade 802.11ac e ainda, continuando no sem fios, recorrer à ligação Bluetooth, protocolo 5.0. O E9 tem capacidade para aceitar comandos de voz através do Google Assistant ou Alexa, com o português de Portugal a ser finalmente contemplado! Os *standards* de vídeo disponíveis são o HDR10, o Dolby Vision e o HLG, sendo dispensado o HDR+ e, no que se refere ao áudio, releva-se a compatibilidade com o Dolby Atmos e o DTS-HD, bem como o *streaming* através do protocolo WiSA (Wireless Stereo Audio), disponível em gamas de colunas de diversos fabricantes. A luminosidade máxima atinge um pouco acima de 700 nit, mais que suficiente para um visionamento doméstico confortável. É ainda interessante o facto de a LG ter incluído os modos de especialista da Technicolor nas versões HDR e SDR, um bônus para os que apreciam a calibração de imagem.

Mas o grande destaque vai para o pro-

cessador Alfa 9 Gen 2, com capacidades de inteligência artificial, as quais se traduzem, por exemplo, no reconhecimento automático das características originais dos conteúdos de entrada e na escolha dos processos de optimização da qualidade de imagem mais adequados a cada um deles. E esta é uma capacidade dinâmica, ou seja, a aptidão para aprendizagem profunda (Deep Learning) faz com que sejam analisados em permanência milhões de pontos de imagem que, caso a caso, são transferidos para a memória do processador para uma melhoria permanente dos parâmetros de optimização em função dos gostos do utilizador. No que se refere ao HDR, o processador optimiza ainda o contraste e a reprodução de cores, definindo uma curva de mapeamento de tons (Tone Mapping).

No que se refere ao som, uma vez mais entra em campo a inteligência artificial, com optimização de campos *surround* virtuais em 5.1 e incluindo simulação do canal de altura, tudo isto em função do formato de som original do conteúdo. Muito importante ainda é a possibilidade de o Magic Remote detectar automaticamente a posição do televisor e optimizar o som percebido pelo consumidor no local onde está sentado, de acordo com as características acústicas. A função ThinQ AI possibilita um vasto conjunto de situações de interacção por voz mas, como disse atrás, o português ainda não é abrangido pelo leque de línguas disponíveis. Por outro lado, as capacidades de recomendação des-





## teste LG 65E9PLA/65SM9010PLA e Philips 65OLED904



ta função estão bem mais alargadas no E9 em relação ao modelo de 2018, uma vez que o AI pode recomendar canais e programas, interação por Quick Access no controlo remoto, modos de imagem, modos de som e Apps utilizadas com mais frequência, isto para não falar na barra de acesso a funções e conteúdos e no Painel de Controlo Caseiro que liga a televisor a um telemóvel, colunas e outros dispositivos e, para além disso, pode fazer interface com equipamentos tais como frigoríficos, máquinas de lavar, ares condicionados, robôs de aspiração e assim por diante. Embora a LG utilize a plataforma Open Connectivity, que é igualmente aceite por um amplo conjunto de fabricantes, claro que todos os equipamentos que utilizem outras interfaces, em especial as patenteadas pelas suas marcas, não se podem ligar ao televisor. O sistema operativo é o já bem testado e muito apreciado WebOS, de funcionamento altamente intuitivo graças ao Magic Remote fornecido com o E9. A reprodução de som está por

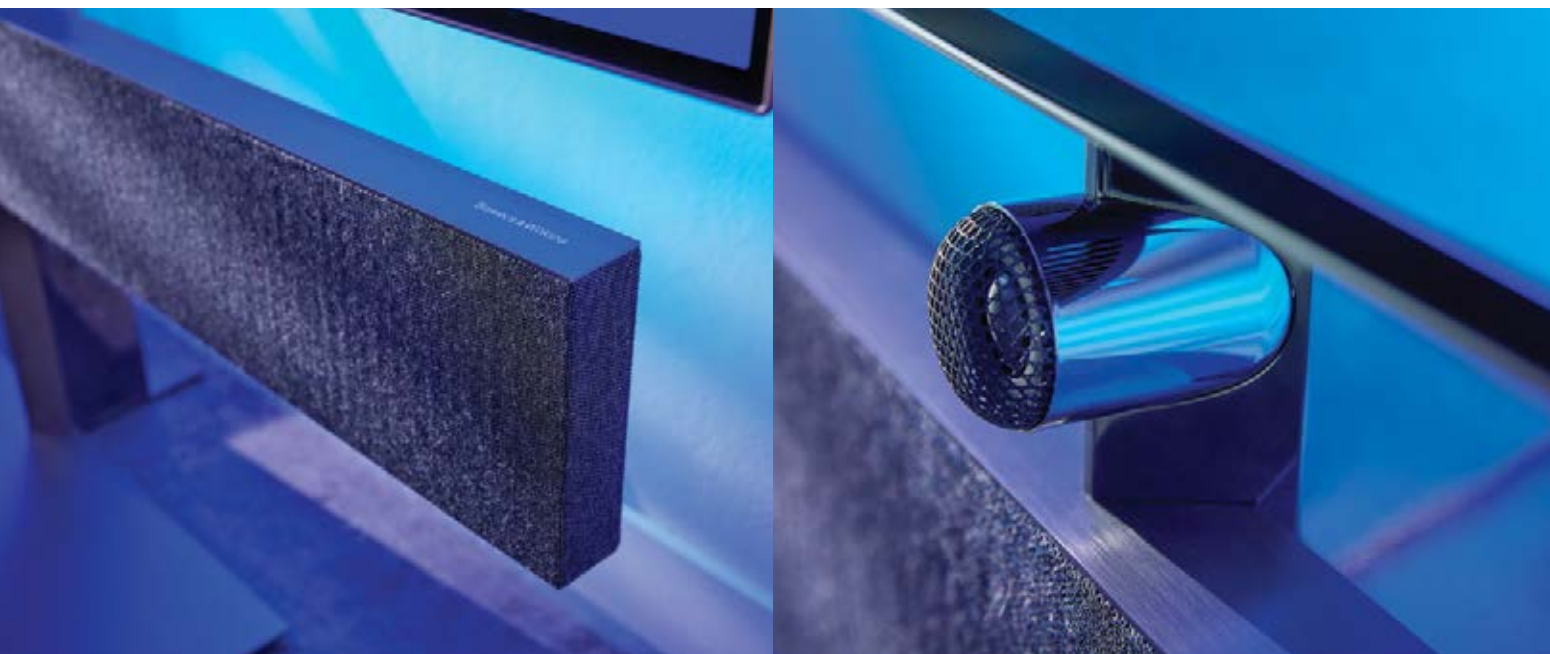
conta de um conjunto de altifalantes que definem uma configuração 4.2, com saída frontal. A potência total é de 60 W.

### Philips 65OLED984

Apresentado em grande segredo durante a Convenção EISA 2019, o 65OLED984 é o novo topo-de-gama da Philips. Por isso mesmo e tendo em conta que em 2018 aqui foi apresentado o 65OLED903, vou tentar centrar-me fundamentalmente nas grandes diferenças que se podem detectar de um ano para o outro.

O painel OLED pertence uma vez mais à última geração, com refinamentos semelhantes aos que mencionei no caso do LG E9, e o processamento de vídeo implementa a terceira geração do P5, com melhorias a nível da Picture Natural Reality em termos de identificação precisa de zonas de imagem a corrigir e protecção da naturalidade do tom de pele, bem como um reforço do nível de detalhe e redução do ruído de imagem nos domínios temporal e espacial, o que se traduz igualmente

em movimentos mais fluidos e naturais e uma mais vincada sensação de profundidade. O processador que implementa todas estas melhorias entra igualmente em acção no HDR, conferindo mais luz, cor e contraste às imagens neste formato. Tudo isto é possível graças a uma superior capacidade de processamento (mais 30% em relação a 2018), conferida pela divisão do *chip* único da geração 2 do P5 por dois *chips*. Temos igualmente disponível desde início a descodificação de conteúdos Dolby Vision, com optimização da qualidade de imagem quadro a quadro. Aliás a Philips é o único fabricante a suportar em 2019 todos os quatro formatos de vídeo: HDR10, HDR10+, HLG e Dolby Vision. Em relação a este último, estão disponíveis dois modos de optimização: um é designado «Tal como o realizador pretendia» e o outro «Dolby Vision Bright», neste último caso





entrando em acção o processador P5. À saída da fábrica é efectuada a calibração em 20 pontos de branco e ainda a do nível de Gama, o que permite dizer que cada televisor chega ao consumidor perfeitamente otimizado no que se refere à qualidade de apresentação de imagem.

Mas o que destaca o 984 logo à primeira vista é a barra sonora com o logótipo B&W fixada ao pedestal de suporte do televisor – é como se fosse um televisor equipado logo de origem com uma barra sonora otimizada para trabalhar com ele. Claro que não falha o *tweeter* montado externamente no topo da barra, à *la Nautilus*, para diminuir os efeitos de difracção, *tweeter* esse que é uma variante do que é utilizado na mais recente linha 800 Diamond da B&W. Dentro da estrutura da barra sonora temos três caixas de altifalantes independentes, cada uma delas com um volume acústico definido de modo preciso em função das características acústicas pretendidas e da simulação inerente à reprodução do Virtual Atmos. Claro que não podia faltar o Ambilight, uma função que identifica de imediato um televisor como sendo da Philips a partir do momento em que é ligado.

O sistema operativo é o Google TV, versão 9, e o controlo remoto é muito semelhante ao do modelo de 2018, embora com algumas melhorias, nomeadamente ao nível do *software* de detecção da actuação das teclas, que em 2018 poderia dar origem a, por exemplo, saltos de dois e três canais quando se pressionava a tecla uma única vez.

### 65SM9010PLA

A LG resolveu há dois anos revolucionar a tecnologia de produção de ecrãs LCD com retroiluminação a LED e apostou num novo conceito denominado NanoCell, em que se usam nanopartículas que absorvem os níveis luminosos contidos em comprimentos de onda não desejáveis e convertem essa energia em luz visível, aumentando-se assim em especial a pureza de cor dos vermelhos e verdes. Ao mesmo tempo otimiza-se a qualidade de visionamento para ângulos laterais de visão. O modelo de 2019 em apreço recorre a um filtro de grande qualidade e ao controlo exacto dos blocos de retroiluminação (a qual funcio-

na em Full Array, em vez de ter apenas alguns LED's nas partes laterais) para melhorar o contraste e a precisão da reprodução de cor, e em termos de *design* recorre-se a uma moldura minimalista, a qual como que amplia a área de apresentação de imagem. O processamento de vídeo está a cargo de um processador Alfa 7 de segunda geração com capacidades IA, muito semelhantes às do Alfa 9 atrás mencionado em termos de optimização da qualidade de imagem e som, compatibilidade WiSA, reconhecimento de comandos vocais e painel de controlo Smart Home, em ambos os casos com capacidades de reconhecimento da nossa língua. Os formatos de





vídeo aceites são Dolby Vision, Advanced HDR, HDR Pro e HLG Pro. Para além da ligação Ethernet, existe igualmente a capacidade de ligação Wi-Fi 802.11ac, bem como a compatibilidade com o Bluetooth 5.0 e o AirPlay 2, isto no que se refere às ligações sem fios. As quatro entradas HDMI são compatíveis com a norma HDMI 2.1.

### Visionamentos

Por uma questão de metodologia, vou organizar esta parte do teste de um modo diferente do habitual, ou seja, vou falar ao mesmo tempo sobre as qualidades de imagem dos dois televisores OLED, assim como que numa comparação directa, e logo de seguida falarei no televisor NanoCell, o qual se situa numa faixa de preços inferior e utiliza igualmente uma tecnologia diferente para o painel. Acho que este modo de apresentar faz mais sentido do que a descrição em separado de cada um dos desempenhos.

Antes de proceder a qualquer visionamento a sério calibrei individualmente cada um dos televisores utilizando o disco de teste UHD HDR Benchmark, da Spears & Munsil, o qual contém um importante número de originais 4K e miras de calibração. Já há algum tempo que queria deitar a mão a este disco porque não é fácil ter acesso a imagens 4K de alto gabarito para fins de teste – tenho uma colecção cedida gentilmente pelos amigos que tenho em diversas marcas mas pretendia algo que fosse neutro em relação a elas. E isto porque os originais que me foram cedidos são utilizados pelas marcas em demonstrações, pelo que, queira-se ou não, terão que destacar aquilo que os televisores da

marca fazem muito bem e não o que poderão fazer menos bem. O disco da Spears & Munsil tem então, para além de todas as outras, a grande vantagem de ser neutro em relação a qualquer dos fabricantes de televisores. Quer no 65E9PLA quer no 65OLED984, pude obter, após calibração a 100 candelas/m<sup>2</sup>, excelentes brancos fortes e intensos e nada queimados, sendo a intensidade uniforme ao longo do painel. No televisor NanoCell da LG os ajustes conduziram igualmente a uma imagem bem intensa e contrastada, apenas com ligeiras diferenças no que se refere à apresentação de nuances de cor e luminosidade, o que demonstra o nível a que a marca coreana está a conseguir elevar a tecnologia LCD. Neste televisor as cores tinham uma vivacidade marcante, apenas com uma muito ligeira auréola envolvente em zonas de pouco contraste dinâmico, mas muito bem definidas sobre fundos totalmente negros. Isto para originais HDR pois, quando se passa para originais SDR/HLG, igualmente disponíveis no disco de teste, perde-se naturalmente algo da vivacidade, mesmo no HLG, como resultado da compressão inerente a este formato, desenvolvido para transmissões de TV com largura de banda relativamente reduzida. A comparação com originais SDR/BT.2020 deveria ser algo que todas as lojas deveriam ter disponível pois permite demonstrar cabalmente o que se ganhou com a introdução do 4K nos televisores.

Parti então depois para o visionamento do filme *Blade Runner 2049*, com tratamento HDR. Quer no televisor da Philips quer no OLED da LG, as cores eram ricas, saturadas e altamente precisas. Os painéis

de tecnologia OLED, sendo auto-emissores, o que significa que cada pixel pode ser totalmente desligado de modo individual, não sofrem dos problemas relacionados com a dispersão da luz de fundo que ocorre com muitos LCD, principalmente os que são iluminados a partir das margens da moldura. Daqui resultam excelentes contrastes e negros – as chaves para o grande sucesso do OLED. No que se refere a controlo de movimentos, já recorri a *Dunkirk*, um filme de Christopher Nolan com imagens realmente de ficar de boca aberta. E aqui começo por dizer que o televisor da Philips leva um pouco de vantagem, o que não é assim tão surpreendente, pois esta é uma área a que esta marca tem dedicado muita atenção desde há mais de uma dúzia de anos. No entanto, deve sempre ter-se algum cuidado, pois os resultados finais dependem sempre um pouco dos ajustes que, falando em relação ao OLED da LG, escolhermos na função TruMotion – não há um ajuste universal para todos os tipos de imagens. Muito interessante o facto de o 65SM9010PLA se ter compor-





## teste LG 65E9PLA/65SM9010PLA e Philips 65OLED904

tado igualmente muito bem neste teste, apesar de custar cerca de três vezes menos que o Philips 65OLED984. Apenas nos movimentos que envolviam grandes massas é que se poderiam detectar ligeiros soluços, mas só para quem estivesse quase com o nariz em cima do ecrã. Os *pannings* verticais e horizontais funcionaram bastante bem em todos os televisores, ganhando o Philips apenas nos movimentos oblíquos da câmara.

No que se refere ao som destaca-se já a excelente qualidade de reprodução do OLED da LG, principalmente quando se seleccionam as capacidades AI de melhoria de som, que conseguem mesmo fazer melhor que os poucos originais Dolby Atmos disponíveis no Netflix. Claro que uma barra sonora independente tem vantagens evidentes em relação aos altifalantes integrados no televisor, principalmente quando essa barra foi desenhada por um especialista como a B&W. A intensidade dos efeitos sonoros e a reprodução de música são melhores no televisor da Philips, embora não se deva deixar de ter em conta a diferença de preços – 1000 euros dá para comprar uma boa barra sonora, da LG ou não, e caso as comparações fossem levadas até ao último detalhe, então teríamos que ligar ao OLED da LG uma barra sonora tal como, por exemplo, a SL10Y. O 65SM9010PLA não se sentiu intimidado perante esta concorrência de alto gabarito e disponibilizou uma reprodução sonora muito honesta, com diálogos claros e bem inteligíveis e música dentro de parâmetros bem agradáveis.

### Conclusão

Falando primeiro dos dois televisores OLED, tenho que dizer que, em termos de imagem, eles estão praticamente lado a lado, demonstrando de maneira bem evidente as melhorias que têm sido implementadas nos painéis OLED nos últimos anos. No que se refere a *design*, a LG ganha sem peneiras, graças ao seu conceito de vidro flutuante. A solução da Philips, com o pé de suporte, foge dos parâmetros convencionais, indo mais na direcção daquilo que fabricantes como a Loewe fizeram noutros tempos. Tem os seus clientes, seguramente, mas não tem apelo universal. Em relação a qualidade de imagem, os dois televisores estão praticamente a par, por isso este não será um critério de escolha, mas no que se refere a ergonomia e



facilidade de acesso a conteúdos, o webOS da LG continuar a ganhar a palma a todas as versões do Google TV. O televisor Nano-Cell 65SM9010PLA demonstrou sem sombra de dúvida que a tecnologia LCD tem ainda muitas possibilidades de evolução e, situando-se num patamar de preços bem abaixo das outras duas propostas, terá seguramente um bom número de consumidores a olhar na sua direcção.



### Televisores LG 65E9PLA e 65SM9010PLA

**Preços:** OLED65E9PLA 3999,99 €  
65SM9010PLA 2099,99 €

**Representante:** LG Portugal

**Telef:** 808 785 454

<https://www.lg.com/pt>

### Televisor Philips 65OLED984

**Preço:** 4999 €

**Representante:** Philips Portuguesa, SA

**Telef.:** 800 780 068

<http://www.philips.pt>